

CAPÍTULO 6

RELATO DE EXPERIÊNCIA - USO DE METODOLOGIAS ATIVAS NO CONTEXTO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

**Beatriz Paula dos Santos
Lorena Pequeno Valiceli
Simone da Rocha Leal da Silveira Souto
Márcia Torres Ramos**

INTRODUÇÃO

A partir da Resolução CNE/CES nº 7, de 18 de dezembro de 2018, foram estabelecidas as diretrizes para as atividades de extensão na educação superior no Brasil. Essa normativa tem como finalidade integrar ensino, pesquisa e extensão, promovendo a interação dialógica entre universidades e sociedade. Ainda conforme essa resolução, determina-se que, no mínimo, 10% da carga horária total dos cursos de graduação seja destinada a atividades extensionistas.

Nesse contexto, instituições de ensino superior passaram a incorporar em seus currículos a obrigatoriedade do desenvolvimento de ações de extensão. Nos cursos da área da saúde e de ciências agrárias, essas atividades assumem papel ainda mais significativo, uma vez que proporcionam o contato direto com a comunidade, favorecendo o desenvolvimento de competências técnico-científicas e humanísticas. No campo da Medicina Veterinária, essa integração revela-se fundamental para a formação de profissionais comprometidos com a promoção da saúde animal, humana e ambiental, em consonância com o conceito de Saúde Única (Miranda, 2018).

A Saúde Única é o princípio que fundamenta a integração entre as áreas da medicina humana, medicina veterinária e cuidados com o meio ambiente. Essa abordagem visa prevenir surtos de doenças zoonóticas, sendo a redução da população de animais em situação de rua uma das estratégias mais eficazes para esse fim. A adoção responsável de animais, nesse cenário, desponta como uma importante aliada na prevenção de surtos, ao mesmo tempo em que proporciona acolhimento e dignidade aos animais anteriormente abandonados (Batu; Dur; Najaf, 2023).

A Medicina Veterinária surgiu da necessidade de cuidar dos animais domesticados pelo homem, e sua prática remonta a milhares de anos. No entanto, sua consolidação como curso moderno na área da saúde teve início na França, com a fundação da primeira escola de Medicina Veterinária por Claude Bourgelat, em 1762 (Pfuetzenreiter, 2004). No Brasil, a profissão foi regulamentada pelo Decreto nº 23.133, em 1933, treze anos após a criação

das primeiras escolas no estado do Rio de Janeiro, consolidando-se como um curso de notável relevância social (Germiniani, 1998).

De acordo com Moraes (2009), o cérebro é um órgão dinâmico e plástico, cuja aprendizagem depende de diversos fatores mediados por estímulos ativos e repetitivos. Sob essa perspectiva, as metodologias ativas assumem papel fundamental, pois colocam o estudante no centro do processo educativo, estimulando o protagonismo, a prática e o engajamento, fatores que potencializam significativamente a retenção do conhecimento. Estudos indicam que a aprendizagem ativa pode elevar a taxa de retenção para até 90%. Assim, a adoção de metodologias ativas revela-se essencial para transformar o processo de aprendizagem em uma experiência significativa e eficaz.

Os jogos educativos se destacam como ferramentas capazes de proporcionar vivências de aprendizado de forma envolvente e lúdica, promovendo o interesse e a participação ativa dos indivíduos, mesmo diante de temas pouco familiares (Camargo; Daros, 2018).

Ademais, a adoção de um animal demanda responsabilidade e deve ser fruto de uma decisão consciente, a fim de evitar o abandono e a exposição do animal a situações de maus-tratos. A posse responsável envolve despesas rotineiras com alimentação, medicamentos, acessórios, itens de conforto e bem-estar, além de custos com profilaxia, consultas, exames e atendimentos de urgência (Alves; Genaro, 2015).

A falta de informação quanto à toxicidade de determinadas plantas ornamentais e alimentos figura entre as principais causas de intoxicações em cães e gatos nos lares brasileiros. Essas ocorrências podem levar os animais a emergências veterinárias, ocasionando não apenas risco à vida dos pacientes, mas também impactos emocionais e financeiros aos tutores (Conceição; Ortiz, 2015).

Considerando esses aspectos, foi concebido o projeto VETOx, uma atividade de extensão universitária vinculada ao curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM). Seu objetivo é promover a conscientização da população quanto aos riscos de intoxicação em animais domésticos, especialmente por plantas ornamentais, alimentos e medicamentos. A iniciativa está em consonância com os preceitos da Resolução CNE/CES nº 7/2018, ao estabelecer uma ponte entre o conhecimento acadêmico e as demandas sociais, permitindo a aplicação prática dos saberes em contextos reais e de relevância coletiva.

Entre os temas abordados pelo projeto, destaca-se a prevenção de intoxicações provocadas por alimentos comuns na dieta humana, como por exemplo os tão utilizados alho e cebola, que são frequentemente oferecidos de maneira inadequada aos animais. Soma-se a isso a presença de plantas ornamentais tóxicas nos ambientes domésticos. A carência de informação sobre esses riscos favorece a ocorrência de acidentes que comprometem a

saúde dos animais, podendo resultar em quadros clínicos graves e internações emergenciais.

OBJETIVO

Relatar a experiência de participação em uma atividade realizada durante uma feira de adoção promovida no Shopping Bangu, localizado no Rio de Janeiro (RJ), como ação conjunta entre o grupo RJ PET, um programa da Secretaria de Estado de Proteção e Bem-Estar Animal do Governo do Estado do Rio de Janeiro, e o Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM), representado pela atividade de extensão universitária VETOx, vinculada ao curso de Medicina Veterinária. Essa ação teve como propósito central promover a conscientização de adotantes e tutores quanto aos riscos de intoxicação em animais domésticos, especialmente aqueles associados à exposição a plantas ornamentais, alimentos e medicamentos de uso humano.

A atividade foi desenvolvida com uma abordagem lúdica e educativa, utilizando jogos interativos e a distribuição de panfletos informativos, o que favoreceu uma aproximação significativa entre os membros da equipe extensionista e os adotantes presentes no evento. O objetivo principal consistiu em fomentar o senso de responsabilidade entre os novos tutores, ampliando seu conhecimento sobre práticas preventivas e contribuindo, dessa forma, para a promoção da saúde animal no ambiente domiciliar.

Além da ação no Shopping Bangu, os integrantes da extensão universitária VETOx também realizaram uma palestra educativa voltada ao público da UNATI – Universidade da Terceira Idade da UNISUAM. Esse grupo é formado por pessoas da terceira idade que se reúnem regularmente com o intuito de promover aprendizado contínuo e integração social, constituindo um público estratégico para a disseminação de informações relevantes sobre cuidados com animais de estimação e prevenção de intoxicações.

MATERIAIS E MÉTODOS

O projeto de extensão VETOx foi convidado a participar de um evento externo realizado no Shopping Bangu, localizado na Zona Oeste do Rio de Janeiro. A atividade integrou uma feira de adoção organizada pelo grupo RJ PET. Após a confirmação da participação, duas discentes integrantes do projeto, sob a orientação das professoras responsáveis, iniciaram os preparativos para a ação educativa.

A primeira etapa envolveu a confecção de um banner com QR code redirecionando os interessados ao perfil do projeto nas redes sociais, visando ampliar o alcance da iniciativa. Também foi elaborado um folder informativo, pensado para que os transeuntes e, principalmente, os adotantes pudessem levar informações relevantes para suas famílias e

vizinhos. Nesse folder, foram destacadas quatro plantas comumente encontradas em residências, acompanhadas de uma breve descrição dos principais sintomas clínicos que podem surgir em cães e gatos após sua ingestão. Além disso, o folder também trazia QR code vinculado à rede social principal do VETOx, como forma de manter um canal de comunicação ativo e acessível.

Para tornar a atividade mais interativa, foi criado um jogo conduzido pelas discentes no dia do evento. Uma roleta de madeira, numerada de 1 (um) a 8 (oito), foi utilizada para sortear perguntas relacionadas ao tema da intoxicação em pets. O questionário, elaborado pelas estudantes com apoio das docentes orientadoras, continha perguntas de múltipla escolha com alternativas de ‘a’ a ‘d’. Exemplos de questões utilizadas incluem: “Qual alimento é tóxico para cães e gatos?”, “Qual é o primeiro passo se seu pet ingerir algo tóxico?”, “Qual desses sinais pode indicar intoxicação no pet?” e “Qual atitude você deve tomar ao perceber que seu pet comeu uma planta tóxica?”.

Como forma de incentivo à participação, foram confeccionados brindes: comedouros e bebedouros para os pets recém-adotados, além de doces entregues aos tutores. Ainda no planejamento da atividade, foi elaborado um sistema de avaliação anônima para mensurar o interesse e a percepção dos participantes sobre a ação educativa. No dia do evento, as discentes chegaram ao local com antecedência, organizaram a estrutura da roleta, montaram a mesa com os brindes e folders, e posicionaram o suporte com o banner de forma estratégica.

Por se tratar de um espaço aberto ao público do shopping, a atividade extrapolou os limites da feira de adoção, alcançando também diversos transeuntes que demonstraram interesse pelo tema. Após cada adoção, os responsáveis eram encaminhados à mesa do VETOx, onde recebiam uma breve explicação sobre a importância de conhecer alimentos e plantas tóxicas para animais de estimação, com foco na prevenção de acidentes. Em seguida, participavam do jogo da roleta. Após a resposta à pergunta sorteada, as discentes explicavam o conteúdo, ampliavam a discussão com exemplos práticos e instruíam os tutores sobre medidas preventivas e condutas diante de intoxicações.

Em paralelo à atividade externa, o projeto VETOx também realizou uma ação educativa junto à Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), dentro da própria instituição. A metodologia adotada baseou-se em uma abordagem ativa e participativa, com foco no diálogo e na sensibilização do público idoso sobre os riscos de intoxicação em cães e gatos decorrentes da presença de plantas ornamentais em ambientes domésticos. A atividade foi previamente planejada pelos estudantes em conjunto com as professoras orientadoras, tendo como base o perfil do público-alvo. Para isso, foram definidos objetivos claros, linguagem acessível, recursos visuais e materiais informativos adaptados. Uma planta real da espécie *comigo-ninguém-pode*

foi utilizada como exemplo prático, acompanhada de explicações sobre seus riscos e sintomas clínicos associados à ingestão.

O método incluiu também a aplicação de um questionário diagnóstico antes da palestra, com o objetivo de mapear o conhecimento prévio dos participantes. As perguntas abordavam sinais clínicos de intoxicação, condutas recomendadas em casos de ingestão de substâncias tóxicas e o conhecimento sobre plantas comuns. A partir das respostas, a equipe ajustou a abordagem da palestra para suprir as principais lacunas de conhecimento identificadas. Ao final, foi promovido um momento de troca de experiências, em que os participantes puderam relatar suas vivências com plantas e animais de estimação, o que reforçou o caráter dialógico e inclusivo da ação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto de extensão VETOx teve início em 2024 com a proposta de instruir estudantes sobre os riscos de intoxicações causadas por plantas e alimentos comuns na rotina das famílias brasileiras, como alho (*Allium sativum*), cebola (*Allium cepa*), lírios (*Lilium spp.*), copo-de-leite (*Zantedeschia aethiopica*), azaleia (*Rhododendron simsii*), espada-de-São-Jorge (*Sansevieria trifasciata*) e outras plantas ornamentais, além de espécies de jardim como a comigo-niguém-pode (*Dieffenbachia seguine*) e a samambaia (*Pleopeltis pleopeltifolia*), entre diversas outras.

Nesta etapa inicial, os discentes foram orientados pelas professoras responsáveis, Márcia Torres Ramos e Simone da Rocha Leal da Silveira Souto, a selecionar, por meio de revisão de literatura, materiais de apoio para elaboração de resumos. Esses resumos foram posteriormente divulgados nas redes sociais por meio de postagens dinâmicas e de fácil assimilação.

Em 2025, o projeto teve continuidade e, em virtude do sucesso do primeiro ano, houve um aumento significativo do interesse por parte dos graduandos, muitos dos quais manifestaram o desejo de ingressar ou permanecer nas atividades da extensão. Diante da alta demanda, realizou-se um processo seletivo, no qual 70 (setenta) alunos foram escolhidos para participar da segunda fase do projeto. Esta etapa consistiu em expandir o conhecimento armazenado no portfólio de pesquisas desenvolvido no ano anterior e compartilhá-lo com a comunidade por meio de visitas a escolas, participação em eventos institucionais e atividades externas.

No presente relato, participaram da ação onze famílias que adotaram animais de estimação em uma feira promovida pela instituição, sendo que uma dessas famílias foi responsável pela adoção de dois animais, totalizando doze adoções. Essas famílias foram convidadas a responder, de forma anônima, um questionário de avaliação sobre a qualidade da atividade. Contudo, diversas outras pessoas que circulavam

pelo local também participaram, recebendo orientações acerca de plantas e alimentos com potencial tóxico para animais domésticos.

Além da interação direta, foi divulgada a caixa de mensagens do perfil do projeto no Instagram, como canal de comunicação para esclarecimento de dúvidas futuras, tanto para os adotantes quanto para o público em geral. Os panfletos distribuídos durante a ação foram projetados para permitir a disseminação das informações entre familiares e vizinhos, estendendo o alcance do conteúdo para além do espaço físico do evento.

A atividade foi planejada previamente com o objetivo de apresentar um caráter dinâmico, que inserisse os participantes no tema central das intoxicações. Trata-se de um assunto que, por ser pouco discutido de forma preventiva, é frequentemente desconhecido por grande parte da população. Mesmo quando há algum conhecimento prévio, este costuma ser incompleto ou distorcido.

Conscientes de que atividades baseadas na metodologia ativa proporcionam melhores resultados no processo de aprendizagem, optou-se pela utilização de uma roleta com perguntas, simulando jogos tradicionais de programas de auditório. A intenção foi afastar a ideia de que se tratava de uma brincadeira infantil, despertando assim o interesse de um público mais amplo, que de outra forma poderia não se engajar.

Muitos adotantes relataram que aquele seria o seu primeiro animal de estimação, o que indicava um desconhecimento total sobre os perigos da intoxicação. Isso possibilitou que as discentes explicassem com clareza e detalhamento quais os sinais clínicos que os animais apresentam após a ingestão de substâncias tóxicas, quais são as plantas e medicamentos mais comuns envolvidos nos quadros de intoxicação, e, sobretudo, quais medidas devem ser adotadas diante de uma exposição ou ingestão efetiva.

No caso dos adotantes que já possuíam animais anteriormente, o diálogo assumiu uma complexidade maior, uma vez que muitos já carregavam conceitos consolidados, nem sempre corretos, sobre os cuidados adequados com seus pets. Nesse contexto, é fundamental ressaltar a importância da ação como ferramenta para desconstrução de mitos e saberes populares, muitas vezes desprovidos de embasamento científico e passados de geração em geração.

Um exemplo ilustrativo foi o relato de uma adotante que, ao ser questionada sobre a conduta a ser tomada diante da ingestão de substância tóxica pelo animal, afirmou que ofereceria leite, “porque sempre ouviu dizer que leite corta o efeito do veneno”. No entanto, segundo Ramos *et al.* (2006), há evidências científicas de que, devido à composição do leite, que é rica em açúcares e gordura, esses componentes podem, inclusive, acelerar a absorção de substâncias tóxicas como organoclorados, organofosforados, carbamatos, ditiocarbamatos, triazínicos, piretroides e acetanilidas. Soma-se a isso a equivocada percepção de que o médico-veterinário deve ser evitado devido ao alto custo das consultas e procedimentos. Porém, tal ideia

é infundada e desconsidera a importância desse profissional como integrante fundamental da saúde pública e da medicina preventiva.

Em casos de intoxicação, o tempo de resposta é um fator crítico para o prognóstico pois há medicamentos cuja eficácia está condicionada à administração imediata, nos primeiros minutos após a exposição. Portanto, qualquer suspeita de contato com agentes tóxicos deve levar à busca urgente por atendimento veterinário.

No Brasil, é comum que cães sejam alimentados com restos de refeições preparadas para consumo humano, seja por tradição cultural, limitação financeira ou desinformação. Essa prática, no entanto, implica na ingestão de alimentos e temperos que não são apropriados para a espécie canina, como alho, cebola e condimentos utilizados frequentemente na culinária doméstica.

De acordo com Martins *et al.* (2023), tanto o alho quanto a cebola contêm compostos organossulfurados, como o *n*-propildissulfeto, que possuem ação oxidativa sobre os eritrócitos. Essa ação leva à formação de corpúsculos de Heinz, danifica a membrana celular e provoca anemia hemolítica. Muitos tutores não percebem o risco que estão impondo a seus animais, mas os efeitos clínicos podem variar significativamente, dependendo da quantidade ingerida, da frequência de exposição e da sensibilidade individual do pet.

Nos casos agudos, os sinais clínicos mais frequentes incluem palidez de mucosas, letargia, icterícia (coloração amarelada nas mucosas), taquicardia, dispneia e colúria (urina escurecida). Em felinos, especialmente os que vivem soltos ou em regime semidomiciliar, os efeitos tóxicos são similares, porém com maior gravidade, em razão de deficiências metabólicas específicas da espécie.

Após a bem-sucedida ação realizada na feira de adoção, o projeto de extensão VETox, sob a orientação das professoras responsáveis, direcionou esforços para ampliar ainda mais o alcance da campanha educativa, visando conscientizar o maior número possível de pessoas da comunidade próxima à instituição UNISUAM. Para tanto, os alunos foram organizados em grupos de 10 (dez) integrantes, com a missão de identificar locais viáveis para aplicar os conhecimentos adquiridos com os moradores das regiões vizinhas.

O grupo formado pelos integrantes mais antigos do VETox optou por desenvolver sua atividade dentro da própria instituição, especificamente junto à Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), um projeto de extensão criado em 2009. A UNATI tem como finalidade promover a inclusão e participação ativa de pessoas idosas que residem nas proximidades das unidades da UNISUAM, integrando-as ao ambiente universitário. Embora não se trate de um curso formal de graduação, a UNATI oferece aos seus participantes, geralmente duas vezes por semana, atividades como oficinas, palestras, dinâmicas de grupo, centros de estudo,

visitas técnicas e eventos artístico-culturais, sob coordenação da professora Rose Cristina da Silva Sobral.

A ação conjunta entre os projetos de extensão VETox e UNATI ocorreu em junho de 2025, no turno da manhã, e contou com a presença de 13 (treze) participantes com idades entre 66 e 81 anos, incluindo as duas responsáveis pela UNATI.

O plano de atividade elaborado pelos estudantes do VETox foi cuidadosamente estruturado, contemplando todos os aspectos de organização e gestão do tempo necessários à realização da ação. A execução desse plano evidenciou o comprometimento do projeto com a promoção da saúde animal e com a educação comunitária, consolidando o papel da universidade como agente transformador.

A proposta teve como foco a conscientização do público idoso sobre os riscos de intoxicação em cães e gatos decorrentes da presença de plantas ornamentais comuns no ambiente doméstico. Considerando que esse grupo etário mantém uma convivência frequente tanto com animais de estimação quanto com plantas cultivadas com zelo em seus lares, a atividade foi cuidadosamente adaptada às suas características e necessidades.

A elaboração do plano se deu de forma colaborativa entre os discentes e as professoras orientadoras, com base em uma análise prévia do perfil do público-alvo. Foram definidos objetivos claros, métodos acessíveis e linguagem adequada, com ênfase em abordagens lúdicas, interativas e fundamentadas em evidências científicas.

A estrutura da atividade contemplou uma introdução dialogada sobre o tema, seguida de uma apresentação visual da planta comigo-ninguém-pode, escolhida por sua ampla popularidade e elevado potencial tóxico. Também foram distribuídos panfletos informativos, redigidos em linguagem simplificada para facilitar a assimilação das informações discutidas. Como parte do processo educativo, os participantes responderam a um formulário diagnóstico antes do início das explicações, com o intuito de avaliar o grau de conhecimento prévio sobre plantas tóxicas e sua relação com os animais domésticos.

Apesar da previsão inicial de incluir uma roleta interativa com perguntas para reforçar o conteúdo, limitações de tempo e espaço exigiram adaptações logísticas na condução da dinâmica. Ainda assim, a atividade manteve sua eficácia, graças ao preparo dos alunos e à receptividade do público, que demonstrou grande envolvimento, fez perguntas pertinentes e compartilhou experiências pessoais envolvendo plantas e animais de estimação.

A demonstração prática da planta tóxica, acompanhada de explicações claras sobre os sinais clínicos de intoxicação e as condutas recomendadas em caso de ingestão accidental, permitiu uma aproximação concreta entre a teoria e a realidade dos participantes.

A aplicação de formulários diagnósticos antes da realização de atividades educativas é uma prática essencial no contexto da extensão universitária, pois permite mensurar o conhecimento prévio do público-alvo e orientar estratégias pedagógicas mais eficazes. No âmbito do projeto VETOx, voltado à conscientização sobre intoxicações em animais domésticos causadas por plantas tóxicas, a aplicação de um questionário junto aos participantes da Universidade da Terceira Idade (UNATI), antes da palestra informativa, representou uma etapa estratégica e fundamental para garantir a efetividade da ação.

O público da UNATI é composto majoritariamente por pessoas idosas, muitas das quais convivem com animais de estimação em ambientes residenciais decorados com plantas ornamentais, que geralmente são escolhidas pela estética ou tradição familiar, mas sem conhecimento prévio sobre sua toxicidade. Essa ausência de informação tornou-se ainda mais evidente durante a fase de perguntas que se seguiu à palestra, quando os membros do VETOx foram questionados sobre diversos aspectos do tema.

Dante desse contexto, tornou-se essencial compreender se e como esse público associa o uso de determinadas plantas a possíveis riscos à saúde dos animais. Para isso, foi elaborado um questionário de múltipla escolha, com perguntas redigidas em linguagem clara e acessível, com foco na relação entre plantas e intoxicação em pets. Uma das perguntas abordava o reconhecimento dos sinais clínicos comuns de intoxicação em cães e gatos, como o vômito, salivação excessiva, diarreia e apatia, os quais são frequentemente confundidos com outras enfermidades, o que pode retardar a busca por atendimento veterinário.

Outro aspecto abordado foi a conduta ideal diante da ingestão ou contato de um animal com uma planta tóxica. Essa questão buscava identificar a prevalência de respostas baseadas em senso comum, como oferecer leite ou aguardar a melhora espontânea, em contraste com a conduta correta, que é procurar imediatamente o médico-veterinário.

O formulário também incluiu uma pergunta sobre o conhecimento prévio dos participantes a respeito do potencial tóxico de plantas ornamentais comumente cultivadas em ambientes domésticos. Essa questão permitiu avaliar o grau de consciência dos tutores sobre os riscos à saúde animal presentes em suas próprias casas. Por fim, uma pergunta voltada ao comportamento preventivo buscava entender se os participantes já haviam buscado informações sobre o tema anteriormente ou se consideravam necessário realizar mudanças em seus lares para garantir maior segurança aos animais de estimação.

Essas quatro perguntas foram fundamentais para direcionar a construção e o andamento da palestra, permitindo que o conteúdo fosse ajustado de forma mais objetiva às fragilidades detectadas nas respostas. O instrumento de avaliação prévia cumpriu o propósito de mapear as principais lacunas de conhecimento do público, assegurando que a

exposição científica ocorresse com base na realidade concreta dos participantes.

A aplicação do formulário antes da palestra permitiu que as respostas refletissem o conhecimento espontâneo do público, sem interferência da informação técnica. Essa abordagem proporcionou uma análise precisa sobre o nível de consciência dos participantes em relação aos perigos representados por plantas como comigo-ninguém-pode, lírio, azaleia, entre outras, comumente encontradas em lares brasileiros.

Esse momento de coleta de dados foi crucial para identificar, por exemplo, a presença de mitos populares, crenças equivocadas e até mesmo a total ausência de noção sobre a toxicidade de determinadas plantas. Além disso, ofereceu aos estudantes do VETox uma oportunidade concreta de escuta ativa e contato direto com a percepção da comunidade, algo fundamental para sua formação cidadã e clínica.

Durante a atividade, observou-se que muitos dos idosos nunca haviam recebido informações estruturadas sobre o tema pois diversas condutas adotadas em casos de ingestão acidental de plantas por animais eram baseadas no senso comum. Essas práticas, embora bem-intencionadas, podem agravar o quadro clínico e dificultar o tratamento.

Das 13 (treze) participantes que responderam ao formulário — todas mulheres com idades entre 66 e 81 anos —, 92% foram capazes de identificar corretamente os sintomas mais comuns em animais intoxicados por plantas. No entanto, apenas 77% compreenderam a importância de procurar assistência veterinária imediata em casos de intoxicação. Além disso, 92% manifestaram intenção de restringir o acesso de seus pets a quintais e jardins que contenham plantas potencialmente tóxicas.

A análise dessas respostas servirá como base para futuras ações do projeto, tanto no planejamento de novas edições quanto na adaptação do material informativo, permitindo um atendimento ainda mais alinhado às dúvidas e necessidades do público da terceira idade. Ademais, o formulário se configura como um instrumento indireto de avaliação da efetividade da ação: ao comparar as respostas iniciais com o envolvimento e o entendimento demonstrados após a palestra, é possível mensurar o impacto real do conteúdo sobre o público.

Por fim, o uso do formulário reafirma a relevância da avaliação diagnóstica em atividades de extensão, pois permite ajustar, fundamentar e tornar mais eficaz a prática educativa. No caso da atuação do VETox junto à UNATI, essa etapa inicial possibilitou que a palestra deixasse de ser apenas uma exposição unilateral de informações e se transformasse em uma experiência educativa, construída a partir da escuta e da realidade do público envolvido.

Essa abordagem conferiu maior proximidade entre a universidade e a comunidade, tornando a extensão universitária mais eficaz em seus

objetivos e mais significativa na formação acadêmica e social dos estudantes participantes.

O sucesso da ação não residiu apenas na execução fiel do plano de atividade, mas na capacidade de adaptação, na empatia com o público e na clareza na transmissão das informações. A atividade, que inicialmente era prevista para durar 30 (trinta) minutos, estendeu-se por quase uma hora, graças à ampla adesão das participantes da UNATI e ao interesse gerado pela temática. A professora responsável pela UNATI manifestou grande satisfação com a parceria, destacando que o projeto é uma iniciativa “guarda-chuva” dentro do Centro Universitário Augusto Motta, uma vez que pode integrar-se a qualquer curso de ensino superior. Isso se deve ao seu escopo abrangente, que permite aos estudantes exercitarem a criatividade na elaboração de atividades inclusivas para uma parcela da população frequentemente negligenciada.

Dentre os questionamentos mais frequentes feitos aos estudantes de Medicina Veterinária, destacou-se o interesse sobre quais plantas e alimentos são seguros para cães e gatos, o que evidencia uma lacuna informacional que, uma vez preenchida, pode contribuir significativamente para a saúde, o bem-estar e a convivência harmoniosa entre tutores e seus animais.

Como proposta de aprimoramento, os alunos participantes do VETox/2025, por meio dos relatórios elaborados ao final de cada atividade, sugeriram que o tema “Plantas seguras para cães e gatos” seja abordado no próximo semestre do projeto. A ideia contempla, inclusive, a realização de oficinas práticas para o plantio de sementes e mudas dentro da própria instituição, em parceria com a UNATI. Tal iniciativa não apenas fortaleceria os laços entre os projetos de extensão, como também proporcionaria uma vivência educativa enriquecedora, integrando gerações em torno do cuidado com a vida.

CONCLUSÃO

A participação no projeto de extensão VETox representou, para os discentes do curso de Medicina Veterinária, uma experiência que extrapolou os limites da sala de aula e dos conteúdos programáticos convencionais. A prática extensionista proporcionou um contato direto com a comunidade, oferecendo uma vivência concreta e significativa que contribuiu de forma profunda para a formação acadêmica, técnica e cidadã das estudantes envolvidas.

Ao longo das atividades desenvolvidas, seja no evento realizado em parceria com o grupo RJ PET no Shopping Bangu, seja na palestra ministrada para o público da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), tornou-se evidente a importância e o potencial transformador da extensão universitária. Essas ações permitiram que as estudantes compreendessem, de forma prática, como o conhecimento técnico que adquirem na

universidade pode ser traduzido em benefício social, por meio da educação em saúde animal e da promoção de atitudes preventivas no convívio com os animais de estimação.

Os discentes constataram que muitos conceitos básicos, como o reconhecimento de alimentos e plantas tóxicas, ainda são desconhecidos por grande parte da população. Esse cenário evidencia a necessidade urgente de ações educativas, acessíveis e contínuas, que aproximem o saber científico da realidade cotidiana das pessoas. Foi nesse contexto que o papel dos estudantes se ampliou, passando da posição de aprendizes para a de multiplicadoras do conhecimento, comprometidos com o bem comum e com a construção de uma sociedade mais informada e consciente.

Durante a ação na feira de adoção, observou-se que muitos adotantes não possuíam nenhum conhecimento prévio sobre os cuidados fundamentais com os animais recém-adotados. Esse fato reforçou a importância da atuação do médico-veterinário como educador em saúde e agente de transformação social. A atividade lúdica proposta, com a utilização da roleta de perguntas, permitiu que a abordagem fosse leve, participativa e, ao mesmo tempo eficaz na transmissão de informações cruciais para a prevenção de intoxicações e acidentes domésticos com os pets.

A atividade realizada junto à UNATI, por sua vez, foi particularmente enriquecedora. Trabalhar com pessoas idosas exigiu dos discentes não apenas domínio técnico, mas também sensibilidade, empatia, paciência e capacidade de adaptação da linguagem. A troca de saberes estabelecida com esse público possibilitou uma conexão intergeracional valiosa, que contribuiu tanto para o aprendizado dos participantes quanto para o amadurecimento humano e profissional dos estudantes.

A aplicação do formulário diagnóstico antes da palestra foi uma ferramenta estratégica que permitiu aos discentes conhecerem melhor o perfil e o nível de conhecimento prévio dos participantes. Esse levantamento preliminar orientou o conteúdo a ser abordado, tornando a atividade mais direcionada, pertinente e efetiva. A escuta ativa, promovida por esse instrumento, revelou-se uma prática pedagógica essencial, fortalecendo o diálogo entre universidade e sociedade.

Além do desenvolvimento técnico, os estudantes destacaram o fortalecimento de habilidades como planejamento, trabalho em equipe, protagonismo e comunicação, uma vez que participaram ativamente da elaboração do plano de ação, da produção dos materiais gráficos, da organização logística do espaço e da condução das atividades com o público. Essa autonomia vivenciada ao longo do processo contribuiu para consolidar sua identidade como futuros médicos veterinários conscientes de seu papel social e profissional.

Outro aspecto importante revelado pelas atividades de extensão foi a compreensão do conceito de Saúde Única, que integra a saúde humana,

a saúde animal e a saúde ambiental. Ao promover a conscientização sobre a toxicidade de plantas e alimentos comuns no ambiente doméstico, os discentes contribuíram para a prevenção de riscos que afetam diretamente a saúde pública, o bem-estar animal e a segurança dos lares brasileiros. Essa abordagem ampliada da Medicina Veterinária revelou aos estudantes a complexidade e a responsabilidade que envolvem sua futura atuação.

As ações extensionistas também proporcionaram experiências afetivas e humanizadoras. O contato com os adotantes, com os idosos da UNATI e com os próprios colegas de projeto fortaleceu vínculos, despertou empatia e consolidou valores éticos indispensáveis ao exercício da profissão veterinária. As atividades práticas vivenciadas durante o projeto deixaram marcas profundas nos discentes, reforçando a certeza de que a escolha por essa carreira envolve, além da técnica, o compromisso com a vida, com a saúde e com o bem-estar de todos os seres vivos. A extensão universitária revelou-se, portanto, como uma ferramenta fundamental para a formação integral de profissionais que desejam atuar de forma ética, empática e responsável.

O projeto VETOx demonstrou que ações simples, planejadas com cuidado e desenvolvidas com dedicação, podem gerar resultados significativos na conscientização da população e na promoção da saúde animal. A experiência vivida ao longo da participação no VETOx será levada pelos estudantes para toda a trajetória profissional que virá pois representa não apenas um exercício de extensão acadêmica, mas uma prática de cidadania, empatia e compromisso com o bem comum.

PALAVRAS-CHAVE: Medicina veterinária. Adoção responsável. Medicina preventiva. Intoxicação

REFERÊNCIAS

ALVES, A. C. A. M. C. A.; GENARO, G. Guarda responsável de animais domésticos: uma ação a ser educada. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 13, n. 1, p. 59-59, 28 abr. 2015.

BATOOL A.; DUR-E-NAJAF H. Companion animal zoonosis: one health approach to prevention and control. 2023. In: Khan A, Rasheed M and Abbas RZ (eds), **Zoonosis, Unique Scientific Publishers**, Faisalabad, Pakistan, v. 1, p. 279-292. <https://doi.org/10.47278/book.zoon/2023.020>

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução nº 7**, de 18 de dezembro de 2018. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 19 dez. 2018. Seção 1, p. 49-50.

CAMARGO, F.; DAROS, T. A sala de aula inovadora. **Estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo**. 1. ed. Porto Alegre: Penso Editora, 2018.

CONCEIÇÃO, J. L. S.; ORTIZ, M. A. L. Intoxicação domiciliar de cães e gatos. **Revista UNINGÁ Review**, Maringá, v. 24, n. 2, p. 59–62, out./dez. 2015. ISSN 2178-2571.

FERREIRA, J. M. S.; GONÇALVES, M. C.; PINHEIRO, M. S. M.; MOREIRA, M. M. A. “Queixas” sintomáticas associadas ao uso de agrotóxicos em trabalhadores rurais da hortifruticultura no Vale do São Francisco. **Revista de Saúde Pública do Vale do São Francisco**, Juazeiro, v. 5, n. 1, p. 57–67, jan./jun. 2013.

GERMINIANI, C. D. E. L. B. A HISTÓRIA DA MEDICINA VETERINÁRIA NO BRASIL. **Archives of Veterinary Science**, v. 3, n. 1, 1998.

MARTINS, D. B.; MARTINUZZI, P. A.; SAMPAIO, A. B.; VIANA, A. N. Plantas tóxicas: uma visão dos proprietários de pequenos animais. **Arquivos de Ciências Veterinárias e Zoologia da UNIPAR**, Umuarama, v. 16, n. 1, p. 11–17, jan./jun. 2013.

MIRANDA, M. (2018). A CONTRIBUIÇÃO DO MÉDICO VETERINÁRIO A SAÚDE ÚNICA- ONE HEALTH. **Psicologia e Saúde em Debate**, v. 4, (Suppl1), p. 34–34. Recuperado de <https://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/380>

MORAES, A. P. Q. de. **O Livro do cérebro**, v. 1. São Paulo. SP: Editora Duetto - 2009.

PFUETZENREITER, M. R.; ZYLBERSZTAJN, A.; AVILA-PIRES, F. D. DE. Evolução histórica da medicina veterinária preventiva e saúde pública. **Ciencia Rural**, v. 34, n. 5, p. 1661–1668, 2004.